

A HISTOIRE DE SAINT LOUIS, JEAN DE JOINVILLE.

Marília Pugliese Branco
FFLCH-USP – mestranda
mariliapb@usp.br

A obra central desse presente texto é a *Histoire de Saint Louis* de Jean de Joinville. Escrita, provavelmente, entre 1305 a 1309, a obra foi solicitada por Joana de Navarra (1270-1305), esposa de Filipe o Belo (1268-1314)– neto de São Luís.

Atualmente, contamos com uma vasta produção historiográfica sobre a monarquia francesa medieval. No caso específico de Luis IX, a recente publicação do trabalho de Jacques Le Goff¹ contribuiu, talvez de forma decisiva no contexto da produção atual, para a discussão acerca do reinado desse rei, e também para uma reflexão metodológica fundamental, como veremos adiante. Assim, não temos a pretensão de esgotar um objeto tão complexo, que foi objeto da preocupação de múltiplos especialistas, mas, antes, exercitar uma forma de abordagem dos problemas da história política francesa medieval a partir de um tipo peculiar de documento.

Nosso objetivo ao eleger São Luis – personagem de obra “biográfica” e sujeito histórico – baseou-se na constatação, feita por muitos historiadores, de que ele foi um dos mais importantes entre os reis franceses medievais, ou seja, aquele que aglutinou elementos precedentes ao seu reinado e associou-lhes aspectos que vigorariam por muito tempo na concepção de realeza francesa, tornando-se rei síntese da Idade Média e, ao mesmo tempo, prefigurou os reis modernos, já que estão presentes em seu governo aspectos de doutrina e de prática daquilo que viria a ser denominado “Estado Moderno”. A fonte escolhida para nossa análise foi a *Histoire de Saint Louis*, de Joinville. A escolha do documento foi fundamental: entre tantos biógrafos e documentos oficiais, que registram os feitos e o perfil do rei, Joinville se diferencia. Trata-se de um senescal laico, que trata do período do governo de seu rei e senhor de um ponto de vista privilegiado.

Nosso objetivo nessa apresentação é comentar alguns aspectos importantes dessa fonte, escrita no início do século XIV.

¹ LE GOFF, J., *São Luis-biografia*. Rio de Janeiro, Record, 2002.

A obra *Histoire de Saint Louis* foi finalizada em 1305², uma das traduções encontradas, Mlle A. Périer³ relata que os manuscritos originais foram perdidos e que possuímos um exemplar do século XIV⁴, com uma linguagem posterior. Segundo a tradução de Jacques Monfrin, essa também seria a conclusão de Natalis de Wailly em sua edição de 1874⁵. Encontrou-se no fim do manuscrito do século XIV, uma clausula “Ce fut escrit en l’an de grace mil .CCC. et .IX., ou moys de octovre ” (MONFRIN, 1995, p. LXVI), assim é possível que esta seja a data de término da obra.

Joinville parte da figura de São Luís. O objeto de seu livro é, na medida em que ele é uma testemunha, identificar aquilo que ele viu e conheceu. Ele pensava, certamente, conforme a idéia corrente, que seu livro de história poderia ter um valor exemplar, exprimindo a idéia que os sucessores de Luís IX fariam bem de seguir o exemplo do santo rei, caso contrário, sem seguir seu conselho, a linhagem arriscaria ser desonrosa.⁶

Em 1244, São Luís anuncia sua cruzada. Muitos senhores o acompanham, dentre eles, o senescal de Champanhe, Joinville, que comunica sua ida a seus vassallos, em 1248⁷. Junto a nove cavaleiros e setecentos homens, aproximadamente, em setembro deste mesmo ano, partem de Marselha rumo a Chipre, reunir-se com o rei. Em maio de 1249, deixam Chipre a caminho de Damietta, onde permaneceram seis meses, em constantes ameaça dos sarracenos. Dessa maneira, uma grande amizade surgirá entre Luís IX e o senescal de Champagne, provavelmente, firmada durante a batalha de Mansurá.

As memórias do nosso cronista são muito conhecidas e seu nome, nos remete diretamente ao rei Luís IX. Isso se deve ao fato dele próprio ter feito o evento central de

² Provavelmente, Joinville escreveu a obra entre 1305 a 1309.

³ JOINVILLE, J. *Histoire de Saint Louis (extraits)*, tradução Mlle A. Périer. Paris: Librairie A. Hatier, 1946.

⁴ O manuscrito do século XIV – manuscrito de Bruxelas.

⁵ Natalis de Wailly é citada em diversas traduções encontradas dessa fonte. Ela trabalhou com o texto de Joinville na segunda metade do século XIX. Seu estudo na restauração das cartas do castelo de Joinville e do texto da vida de São Luís e sua edição, para muitos estudiosos como Delaborde, Périer e Jacques Monfrin, a aproxima da versão definitiva. Será utilizada neste trabalho a edição de 1921. JOINVILLE, Jean - *Histoire de Saint Louis*, edição de Natalis de Wailly. Paris: Librairie Hachette, 1921.

⁶ JOINVILLE. *Vie de Saint Louis*, edição e tradução J. Monfrin. Paris: Classiques Garnier, 1995, p. LXVI.

⁷ Deixa com pesar seu castelo e dois filhos: “n’osant retourner la tetê vers le beau chatêau où il laissait deux enfants”. JOINVILLE, J. *Histoire de Saint Louis (extraits)*, tradução Mlle A. Périer. Paris: Librairie A. Hatier, 1946, p.3.

sua existência, a sua participação nas Cruzadas e a peregrinação do santo rei. Essas lembranças se concentram nos seis anos vividos no Oriente.

Joinville pretendeu relatar, na obra a *Histoire de Saint Louis*, grande parte da vida de Luís IX, redigida trinta anos depois da morte do rei. Aos oitenta anos de idade, esta obra foi solicitada à Jean, senhor de Joinville, pela rainha Joana de Navarra, mulher de Filipe o Belo, neto de São Luís. Nascido provavelmente, em 1224, Joinville é uma testemunha excepcional, pois, ao que a documentação indica, conheceu bem o rei. Ao seu lado, acompanhou a cruzada do Egito e viveu como homem de confiança no palácio real de Paris. Preocupou-se, ao dispor-se a registrar memória do rei, em relatar os episódios que não acompanhara pessoalmente. É o caso da busca de testemunhos confiáveis para a morte do rei, como o de Pedro, filho de São Luís, que presenciara a morte de seu pai, na cruzada de Túnis. Um aspecto favorável encontra-se no fato de Joinville ser leigo, fato esse que nos permite tomar contato com aspectos que, para além da santidade e da ideologia modelar cristã – da qual nenhum testemunho pode subtrair-se e a qual é inegável ao permear a sociedade e a noção de poder como um todo – conhecer um São Luís além da devoção (muito retratada pelos hagiógrafos), ou seja, o rei guerreiro, cavaleiro: “o mais belo cavaleiro que jamais viu” (LE GOFF, 2002, p. 420).

À medida que classificamos e analisamos a natureza de um discurso hagiográfico, ao dialogar com a fonte de Joinville, tornam-se visíveis as diferenças e os enlacs desta obra em relação às outras, o que evidencia seu caráter edificante no sentido da valorização das características santas do rei – aspectos hagiográficos fundamentais – como modelos a serem seguidos – aspectos exemplares, características das obras de edificação moral tais como os *specula*. E durante o estudo de toda a fonte, nota-se a presença do ‘elogio à santidade real, das virtudes de São Luís na visão do senescal’, ou seja, a associação das virtudes reais e reais e sagradas, tema recorrente da literatura medieval e que, na França, encontra seu modelo fundamental em Luís IX, por associar-se ao plano divino da realeza sagrada também por seu caráter santo.

Nesse sentido, a unidade da narrativa estrutura-se do início ao fim ao elogio e a comprovação das qualidades reais, intrinsecamente cristãs, além dos capítulos específicos dedicados à análise do caráter santificado, divino.

Entrecruzando os gêneros literários, percebemos a grande importância e peculiaridade do relato de Joinville, leigo – portanto, sem a responsabilidade e sem a carga de elaborações teológico-ecclesiológicas de um clérigo –, o qual fixa suas memórias pessoais e constrói, a partir delas um relato historiográfico. Sua primeira redação provavelmente foi feita logo após a morte do rei e antes da sua canonização, fator que também possibilitou a apresentação de outros aspectos do seu rei, conhecidos diretamente pelo autor – “rei feudal nas suas funções essenciais de cavaleiro, de senhor e de soberano, como legislador no seu conselho, administrador da justiça e de pacificador” (LE GOFF, 1983, p. 75). Deste modo, testemunha dois traços, o cavaleiro – representação da violência – e do fidalgo – homem de reflexão e medida. A seleção dos fatos feita pelo narrador nos revela a santidade real. Virtudes, atitudes e dedicações que permeavam a essência pura da vida de São Luís e que nesse sentido, caminhou para obra hagiográfica.

A escolha deste documento tornou-se fundamental: entre tantos biógrafos e tantos documentos oficiais, que registram os feitos e o perfil do rei, Joinville se diferencia. Um senescal laico, que trata do período do governo de seu rei e senhor de um ponto de vista privilegiado. Traçar o perfil e pensar na figura de Luís IX a partir de Joinville implica considerar um retrato produzido numa forma específica: a obra *Histoire de Saint Louis* pretende ser uma biografia do rei, um registro historiográfico de seu governo – portanto, uma crônica –, um *speculum* – portanto, obra de edificação – e, ainda, um elogio ao santo rei – um relato hagiográfico.

O trabalho proposto encontra-se em andamento. Assim, o objetivo utilizando como base o documento de Joinville – buscaremos identificar as relações que deram fundamentos políticos ao seu governo, e aquelas que se colocam entre o sujeito histórico e a personagem literária. Com base na fonte de Joinville, levantaremos os aspectos mais importantes sobre as relações de poder e as concepções sobre a realeza no reinado de São Luís. Utilizando-nos das referências bibliográficas, elaboraremos uma discussão sobre os aspectos apontados e assim, procuraremos traçar o referencial a partir do qual tais relações eram pensadas e estabelecidas.

A principal peculiaridade deste documento revela-se no fato do autor escrever “um livro das santas palavras e dos bons feitos de nosso rei São Luís” (JOINVILLE,

1995, p. 3), sendo leigo – na época, os escritos sobre santo costumavam ser redigidos pelos clérigos, e convivendo com o rei, torna-o diferente.

A hagiografia existente relata de forma tradicional, ou seja, informação social do santo, e (...) retrato vivo de seus sofrimentos, morte e milagres (...) com a intenção de confirmar a eleição divina do santo através maravilhoso dos milagres que realiza e dos sofrimentos extraordinários que é capaz de suportar”⁸ a vida de São Luís.

Ao ler a obra e observar a estrutura do documento de Joinville, percebemos que houve a seleção dos fatos e feitos do rei pelo autor. A narrativa segue a forma comum de uma hagiografia, principalmente por valorizar atitudes e virtudes do rei, caráter exemplar da vida de um santo, que todos cristãos deveriam seguir e obedecer. No caso de São Luís, o caráter santificado de seu reinado era a representação do reino de Deus na terra, reforçando sua imagem como pastor – característica importante, consolidada na Modernidade - do reino de Deus e suas relações com a Igreja e com a *ecclesia*.

Joinville dividiu a obra em dois livros. O primeiro livro dedicado as principais virtudes de São Luís e o segundo livro dedicado ao nascimento e coroação do rei, incluindo grande parte as cruzadas.

No primeiro livro nota-se um retrato atual contemporâneo ao narrador e a preocupação em enfatizar os aspectos da justiça, dos pensamentos, do amor do rei pelo povo. Joinville inicia sua narrativa⁹ apresentando-se como vassalo a serviço do rei, oferecendo sua obra como forma de elogio através da ajuda de Deus e propõe a divisão em duas partes da obra, na qual a primeira destinou a explicação de como São Luís governou segundo Deus e a Igreja, em proveito de seu reino. A segunda parte tratou dos grandes feitos do rei pela cavalaria e armas.

Nesse sentido, do início ao fim da narrativa, Joinville se propõe escrever os indícios da vida do santo. Relatando aquilo que viu e ouviu, mostrando aspectos peculiares na obra. Dedicar grande parte as penas sofridas por São Luís durante as cruzadas. Outro aspecto importante, notado na fonte de Joinville era a relação mantida

⁸ As narrativas hagiográficas medievais traduziam uma sensibilidade narrativa oral típica do período. SOUZA, Néri de Almeida. Hagiografia e literatura. Notas sobre oralidade e escrita nos textos eclesiásticos medievais. *Margem – Indisciplinaridade e perspectivas civilizatórias*. Faculdade de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/ Fapesp. São Paulo, Educ, 2000.

⁹ *Dédicace et divison de l'ouvrage*. JOINVILLE, Jean de. *Histoire de Saint Louis*, edição de Natalis de Wailly. Paris : Librairie Hachette, 1921, p.1.

com a Igreja, o rei não permitia injustiça, quando assim achava, por parte dos clérigos. Defendia o reino de Deus pelas cruzadas, como primeiro e mais alto súdito cristão.

Outra relação firmada na obra é do próprio narrador com São Luís, sua presença constante na obra também revelaria uma autobiografia do senescal?

“Em nome de Deus todo-poderoso, *eu*, Jehan, senhor de Joinville, senescal de Champagne, faço escrever a vida de nosso santo rei Luís, o que *eu* vi e ouvi pelo espaço de seis anos, em que *eu* estive em sua companhia na peregrinação d’além-mar, e desde que *nos* revimos. E antes que *eu* vos conte seus grandes feitos e suas proezas, *eu* vos contarei aquilo que *eu* vi e ouvi de suas santas palavras e de seus bons ensinamentos...”¹⁰

Ao ler o testemunho de Joinville, nota-se seu comparecimento durante as descrições, conversas e perguntas que São Luís o faz. Numa passagem da obra, ele nos descreve um momento que o rei questiona-o sobre as “coisas” que tocam Deus e quex chose est Dieu? Joinville nos responde: “Sire, ce est si boné chose que mieudre ne puet estre”¹¹. A descrição de sua participação nas cruzadas, a sua saída de seu castelo, o encontro com o rei e o embarque às cruzadas, no mês de agosto 1248. Há momentos durante a análise da obra, que notamos a transformação do narrador em personagem “principal” da história. Joinville dedica aos próprios sentimentos “espaços” de expressão.

Segundo Jacques Monfrin, o vocabulário rico, simples e preciso. Na estrutura do texto há a utilização corrente da conjunção e (*et*), dando a palavra aos personagens – eles se expressam e falam a partir de Joinville. O senescal não segue nenhum modelo, sendo uma obra pessoal, própria, a medida que conta suas lembranças, sem se preocupar com pesquisas. O andamento geral é de uma narração oral, ou seja, sem alterar seu tom ao se tornar escrito.

Dessa maneira, para ele, Joinville fala de si, tanto quanto do rei – sujeito de seu livro – de forma natural que ele jamais nos dá a impressão de querer se colocar antes do rei. Assim, para ele, ao lado da figura do rei, está o cronista¹².

¹⁰ JOINVILLE. *Histoire de Saint Louis*. p.10-11. Apud: LE GOFF, J. – *São Luis – biografia*. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 425.

¹¹ “*Je n’os parler a vous (pour le sutil senz dont vous estes) de chose qui touche à Dieu*”. JOINVILLE, Jean de. *Histoire de Saint Louis*, edição de Natalis de Wailly. Paris : Librairie Hachette, 1921, p.10.

¹² JOINVILLE. *Vie de Saint Louis*, edição e tradução J. Monfrin. Paris: Classiques Garnier, 1995, p.I.

Os fatos que ele não presenciou, foram relatados por pessoas próximas ao rei, “confiáveis” ao seu ver, e presentes no momento dos fatos. No caso da morte de Luís IX, Joinville não estava presente. Pedro, filho de São Luís, que presenciou a morte de seu pai na cruzada de Tunis, foi a testemunha ocular do “belo fim que teve o rei” (JOINVILLE, 1995, p.5). A morte do monarca foi na cruzada e pela cruzada, revelando o aspecto do rei como defensor de Deus no reino terrestre. Os fatos da biografia são finalizados com a canonização de São Luís e sua aparição, num sonho de Joinville.

Como se pode observar, o documento tem o formato de uma biografia que se baseia numa concepção de hagiografia, ou seja, relata acontecimentos da vida do rei Luís IX, suas medidas e ações, como parte de um perfil de santidade que quer construir.

O documento analisado a *Histoire Saint Louis* de Jean de Joinville pode ser considerado uma hagiografia – “gênero construído pelos textos dedicados à memória do santo cristão”¹³. A análise estrutural da fonte nos revela de que forma Joinville justificou a santidade real pela escolha da narrativa dos fatos. Privilegiou as cruzadas realizadas pelo rei Luís IX, ou seja, destinou a maior parte do escrito a primeira cruzada ao Egito, da qual Joinville participou e lutou do início ao fim, tendo presença constante as narrativas. Segundo ele, “priorizou aquilo que viu”, tornando relevante o fato de destinar apenas um tópico para a cruzada de Túnis¹⁴, sobre a qual o São Luís morreu. Nesse sentido, outro dado complementar é a grande presença do narrador na obra, ou seja, no decorrer da leitura percebemos conversas do rei com Joinville, e a expressão de seus sentimentos. Outro aspecto importante, notado na fonte de Joinville era a relação mantida com a Igreja, o rei não permitia injustiça, quando assim achava, por parte dos clérigos. Defendia o reino de Deus pelas cruzadas, como primeiro e mais alto súdito cristão.

Dessa maneira, ao analisar um trecho do documento a *História de São Luis*, vislumbramos a necessidade do biógrafo no sentido de “personificar” Cristo em São Luís. Assim como Deus morreu por amor ao seu povo, São Luís colocara numerosas

¹³ SOUZA, Néri de Almeida. Hagiografia e literatura. Notas sobre oralidade e escrita nos textos eclesiásticos medievais. *Margem – Indisciplinaridade e perspectivas civilizatórias*. Faculdade de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/ Fapesp. São Paulo, Educ, 2000.

¹⁴ CXLIV. *Saint Louis se croise pour la seconde fois*. JOINVILLE, Jean de. *Histoire de Saint Louis*, edição de Natalis de Wailly. Paris : Librairie Hachette, 1921, p.304.

vezes seu corpo em aventura e risco¹⁵. O ato de oferecer-se em sacrifício pelo seu reino, remonta ao modelo de rei cristão, ou seja, a crença na tradição cristã de que Cristo “colocou-se em sacrifício” para salvar a humanidade. Dessa maneira, para Joinville, não fizeram o bastante quando não o colocaram entre os mártires, considerando o fato dele ter suportado grandes sofrimentos durante a peregrinação da Cruz, no período de seis anos, onde Joinville esteve em sua companhia e principalmente, porque ele seguiu Nosso Senhor até sobre a cruz: “Car si Dieu mourut sur la croix, le roi fit de même, car il était croisé lorsqu’il mourut à Tunis” (MONFRIN, 1995, p.5).

A comparação com um rei modelar bíblico, ocorria na medida em que determinado personagem se fazia santo, ou seja, no processo hagiográfico de canonização, como no caso de Luís IX. As heranças de realezas antigas e, principalmente, modelos reais individuais referentes ao Antigo Testamento e ao livro sagrado, a Bíblia, reafirmam a santidade. Através da unção, sinal exterior, o rei reforçava a legitimidade de seu poder e função, santificados. As obrigações com Deus e com seus súditos¹⁶ caracterizam o exemplo do “bom rei” cristão.

Após o advento de Cristo e sua exaltação como Rei da Glória, a realeza terrestre sofreu diversas transformações bem como, recebeu função própria na salvação. Os reis da Nova aliança seriam “imitadores de Cristo”.

“O monarca cristão tornava-se *christomimetes* – “ator” ou “personificador” de Cristo – que, no estágio terrestre, apresentava a imagem viva de Deus binaturado, mesmo com respeito às duas naturezas inconfundíveis (...) Segundo o Anônimo, talvez houvesse uma única diferença entre o Ungido na Eternidade e seu antítipo terrestre, o ungido no Tempo: Cristo era rei e “Christus” por sua própria natureza, ao passo que seu representante na terra era rei e “christus” somente pela graça (...) Em outras palavras, o rei “torna-se” “deificado” por um breve período em virtude da graça, ao passo que o Rei celestial é Deus eternamente por natureza.”¹⁷

São Luís, assim como Carlos Magno, é, portanto, pastor de seu povo, conforme a noção pastoral de governo – herdeira das tradições romana e vétero-testamentária – estabelecida e consolidada na monarquia francesa. O poder tem, portanto, origem

¹⁵ Joinville atribui quatro circunstâncias que São Luís arriscou a vida pelo seu povo.

¹⁶ Respeitar as leis, proteger seus súditos e fazer reinar a paz.

¹⁷ KANTOROWICZ, E. Os dois corpos do rei. Cia das Letras, SP, 1998. p. 51.

ministerial, e só pode ser legítimo na medida em que serve à *utilitas publica*. São Luís une a essa noção – aquela que concebe o poder como serviço ao *populus Dei* na terra – a tradição dos mártires, que imitam, para além do comportamento, o sofrimento e a morte de Cristo.

O espaço da Cristandade na vida de Luís é muito importante. Para o senescal, o reino do São Luís é peregrino, transita e amplia o mundo cristão. Luís IX permanece seis anos longe de seu reino pela expansão universalista ligada aos domínios do papa e da Cristandade. Nesse sentido, Joinville nos narra exemplos de devoção¹⁸ real pelas cruzadas, ou seja, durante quatro momentos de sua vida, São Luís arrisca-se *seu corpo à morte*, pela fé e por seu povo. A primeira vez foi no desembarque em Damietta para reconquistar a terra do Egito, sofrendo o perigo de ser atacado pelas armas¹⁹. Na segunda vez, também em Damietta, quando o rei foi comitado por uma grave doença²⁰; a terceira foi o longo período, quatro anos, em que o rei permaneceu na Terra Santa, arriscando sua vida a todas as ameaças²¹; a quarta e última vez, ocorreu nas costas ilha de Chipre, em 1254, a nau chocou-se a um banco de areia, perdendo parte da tripulação abordo. Segundo nosso biógrafo, Deus salvou o restante dos cruzados, dentre eles o santo rei Luís²². No caso da morte de Luís IX, Joinville não estava presente. Pedro, filho de São Luís, que presenciou a morte de seu pai na cruzada de Tunis, foi a testemunha ocular. A morte do monarca foi na cruzada e pela cruzada, revelando o aspecto do rei como defensor de Deus no reino terrestre.

Esses testemunhos nos revelam o caráter santo de São Luís, ou seja, passagens de sua vida que em nome da devoção da fé fez com que enfrentasse todos os obstáculos pelo seu povo e pela Cristandade na garantia de conquistar a tão sonhada Terra Santa.

Bibliografia

Fontes

¹⁸ II. *Exemples du dévouement de Saint Louis*. JOINVILLE, Jean de. *Histoire de Saint Louis*, edição de Natalis de Wailly. Paris : Librairie Hachette, 1921, p.3-7.

¹⁹ XXXV. *Saint Louis prend possession de Damiette*. Ibidem, p.68-70.

²⁰ LXI. *On tente une retraite par terre et par eau*. ¶ 306. Ibidem, p. 127-128.

²¹ LXXXVII. *Les frères du roi s'embarquent*. *Envoyés de l'empereur Frédéric II et du soudan de damas*. Ibidem, p. 184-186.

²² CXXII. *Le vaisseau du roi heurte contre un banc de sable*; CXXIII. *Le roi refuse de quitter son vaisseau*. Ibidem, p. 260-264.

JOINVILLE, Jean - *Histoire de Saint Louis*, edição de Natalis de Wailly. Paris: Librairie Hachette, 1921.

JOINVILLE - *Histoire de Saint Louis (extraits)*, tradução Mlle. A. Périer. Paris : Librairie A. Hatier, 1946.

JOINVILLE - *Vie de Saint Louis*, edição e tradução de Jacques Monfrin. Paris: Classiques Guernier, 1995.

Obras de referência

ARQUILIÈRE, H.-X - *L'Augustinisme Politique – essai sur la formation des théories politiques du Moyen-Age*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1972.

BARBEY, Jean - *Être roi – le roi et son gouvernement em France de Clovis à Louis XIV*. Paris: Études Arthème Fayard, 1992.

BASCHET, Jérôme - *A civilização feudal – do ano mil à colonização da América.*, São Paulo: Globo, 2006.

BENVENISTE, H. – Joinville et les “autres” : les procédés de représentation dans l'*Histoire de saint Louis. Le Moyen-Age, Revue d'Histoire et de Philologie*. Louvain-la-Neuve, t. CII, n. 1, p. 27-55, 1996. De Boeck & Lancier S.A.

BLOCH, Marc - *Os reis taumaturgos*. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

BOUTET, Dominique – Hagiographie et historiographie: la *Vie de saint Becket* de Guernet de Pont-Sainte-Maxence et la *Vie de saint Louis* de Joinville. *Le Moyen-Age, Revue d'Histoire et de Philologie*. Bruxelles, t. CVI, n. 2, p. 277-293, 2000. De Boeck & Lancier S.A.

BURNS, J.H - *Histoire de la Pensée Politique Médiévale, 350-1450*. Paris: Presses Universitaires de France, 1993.

CHAUVIN, Monique, MARTIN, Hervé, MENANT, François e MERDRIGNAC, Bernard – *Les Capétiens – Histoire e Dictionnaire, 987-1328*. Paris: Robert Laffont, 1999 (Collection Bouquins).

COLLARD, Franck – *Pouvoir et culture politique dans la France médiévale, Ve-XVe siècle*. Paris: Hachette Livre, 1999 (Carré Histoire 46).

CONTAMINE, Philippe – *Le Moyen Âge. Le roi, l'église, les grands, le peuple, 481-1514*. Paris: Seuil, 2002 (Histoire de la France Politique 1).

DUBY, Georges – *As três ordens ou O imaginário medieval*. Lisboa – Portugal: Estampa, 1994.

GROUSSET, René – *Histoire des croisades, III. 118-1291, L’anarchie franque*. Paris: Perrin, 2006 (Collection Tempus 153).

JORDAN, William Chester - *Ideology and royal Power in Medieval France*. Burlington, Vermont: Ashgate – Variorum, 2001.

KANTOROWICZ, Ernest H. - *Os dois corpos do rei – Um estudo sobre teologia política medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LE GOFF, Jacques - *O Maravilhoso e o Quotidiano no Ocidente Medieval*. Lisboa – Portugal: Ed. 70, 1983.

_____ - *São Luís – biografia*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

OLIVEIRA, Maria Carmem Gomes Martiniano de. *As facetas de São Tiago no Liber Miraculorum do Codex Calixtinus*. 2002. Dissertação (Mestrado) – Programa de Estudos Pós-graduados em história, Direito e Serviço Social de Franca: “Dr. Júlio de Mesquita Filho”, Universidade Estadual de São Paulo, 2002.

PACAUT, Marcel - *La Théocratie, l’Église et le Pouvoir au Moyen Age*. Paris: Desclée, 1989.

RICHARD, Jean – *Saint Louis*. Paris : Fayard, 1983.

RUNCIMAN, Steven – *História das Cruzadas – A primeira cruzada e a Fundação do reino de Jerusalém*, v. I, Rio de Janeiro: Imago, 2002.

Septième Centenaire de la morte de Saint Louis – Actes des colloques de Royaumont et de Paris (21-27 mai 1970). Paris: Les Belles Lettres, 1976.

SIVÉRY, Gérard - *Saint Louis et son siècle*. Tallandier: Paris, 1983.

SOUZA, Néri de Almeida. “Hagiografia e literatura. Notas sobre oralidade e escrita nos textos eclesiásticos medievais.” *Margem – Indisciplinaridade e perspectivas civilizatórias*. Faculdade de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/ Fapesp. São Paulo, Educ, 2000.

ZUMTHOR, Paul - *A letra e a voz – literatura medieval*. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

*WAILLY, Natalis de – Addition au mémoire sur la langue de Joinville. *Bibliothèque de l’école des chartes*, n. 1, v. 44, p. 12-25, 1883. Disponível em:

<<http://www.persee.fr>>

* Os artigos assinalados foram retirados do site “PERSEE”, agradecimentos: Le Ministère de la jeunesse, de l’éducation national et de la recherche, Direction de l’enseignement supérieur, Sous-direction des bibliothèques et de la documentation (voir <http://www.sup.adc.education.fr/bib/>).

